

Construções de tópico marcado na escrita culta brasileira: uma proposta tipológica

Marked topic constructions in standard Brazilian writing: a typological proposal

Mônica Tavares Orsini¹

Resumo: Este artigo objetiva descrever as estratégias de construção de tópico marcado presentes na escrita culta brasileira, propondo uma tipologia dessas construções, semelhante ao que fizeram Berlinck, Duarte e Oliveira (2009) para a gramática do português culto falado. Para isso, constituiu-se uma amostra de 1.456 textos, de diferentes gêneros textuais, publicados nos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, no interstício 2009-2015. Ancorados na Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY, 1981), confirmamos a hipótese de que a gramática do letrado brasileiro (KATO, 2005) é distinta da norma padrão, uma vez que o processo de letramento, desenvolvido no ambiente escolar, recupera parcialmente as regras prescritas pela tradição gramatical. Além disso, a tipologia aqui apresentada reflete a mudança paramétrica em curso no que se refere ao Parâmetro do Sujeito Nulo e ao comportamento do PB em relação ao objeto nulo (cf. DUARTE, 2019; KATO; DUARTE, 2014; CYRINO, 2019).

Palavras-chave: Sintaxe. Construções de Tópico Marcado. Escrita Culta Brasileira.

Abstract: This paper aims to describe the strategies of marked topic constructions in standard Brazilian writing in order to propose a typology of these constructions, similarly to what is presented by Berlinck, Duarte e Oliveira (2009) for the grammar of graduated Brazilian speakers. Therefore we collected a sample of 1.456 texts published in the newspapers *O Globo* and *Folha de São Paulo* between 2009 and 2015. Anchored in the Theory of Principles and Parameters (cf. CHOMSKY, 1981), our goal is to confirm the hypothesis that grammar of Brazilian standard writing (KATO, 2005) is different from the internalized grammar (I-Language), since the literacy process – developed in the school environment – can only partially recover the rules prescribed by grammatical tradition. Furthermore, we argue that the typology presented in this paper reflects the parametric change in progress on the Parameter of Null Subject and the null object behavior in Brazilian Portuguese (cf. DUARTE, 2019; KATO; DUARTE, 2014; CYRINO, 2019).

Keywords: Syntax. Marked Topic Constructions. Brazilian Standard Writing.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: monica.orsini@letras.ufrj.br.

Considerações iniciais

Segundo Brito, Duarte e Mattos (2003), as construções de tópico marcado são aquelas em que a posição mais à esquerda da sentença é preenchida por um constituinte que, do ponto de vista discursivo, contém o referente sobre o qual se faz uma declaração. Embora essa conceituação se assemelhe à definição atribuída à categoria sujeito, apresentada pela descrição tradicional (cf. CUNHA; CINTRA, 1985), o constituinte a que nos referimos ocupa a posição sintática de tópico, situada na periferia esquerda da sentença, e não à posição de sujeito, como vemos no exemplo (1). Nele, o SN ‘O João’ ocupa a posição de tópico, sendo retomado, no interior do comentário, pelo pronome pessoal ‘ele’, que é o argumento-sujeito selecionado pelo predicador verbal.

(1) [O João]_i ouvi dizer que [ele]_i tinha ido passar as férias a Honolulu. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 494)

No PB, a precursora dos estudos sobre as construções de tópico marcado foi Pontes (1987), que fez um levantamento assistemático dessas construções na fala dos mineiros, concluindo que o sistema se aproxima das línguas em que coexistem estruturas de sujeito – predicado e de tópico – comentário, segundo a tipologia proposta por Li e Thompsom (1976).

Estudos mais recentes sobre a gramática da fala do brasileiro dialogam com o trabalho de Pontes, evidenciando que as construções de tópico marcado lhe são próprias, independentemente do grau de escolaridade do falante (cf. Autor; VASCO, 2007; PAULA, 2012).

Nesse contexto, este trabalho objetiva descrever as estratégias de construção de tópico marcado presentes na escrita culta brasileira², propondo uma tipologia dessas construções, semelhante ao que fizeram Berlinck, Duarte e Oliveira (2009) para a gramática do português culto falado. Nossa hipótese é a de que a gramática do letrado brasileiro (KATO, 2005) é distinta da sua língua vernacular (Língua-I), uma vez que o processo de letramento, desenvolvido no ambiente escolar, recupera parcialmente as regras prescritas pela tradição gramatical.

A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY, 1981, 1995), em particular na forma como o PB se comporta em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo e às propriedades do objeto nulo, já que as estratégias de construção

² Nesse artigo, usamos a expressão escrita culta no sentido de conjunto de regras efetivamente utilizadas por indivíduos letrados, ao produzir textos com maior grau de monitoração estilística.

de tópico marcado parecem refletir as mudanças em curso no sistema, reforçando o *princípio do encaixamento linguístico*, segundo o qual “mudanças linguísticas sob investigação devem ser vistas como encaixadas no sistema linguístico como um todo” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968[2006], p. 122).

Este artigo encontra-se organizado da seguinte forma: primeiro apresentamos uma breve discussão acerca do comportamento do PB, no que concerne às mudanças sintáticas no sistema, com base em uma perspectiva formalista. Na sequência, trazemos reflexões sobre a constituição da norma padrão e seu distanciamento da norma culta, nos termos de Faraco (2008). Apresentamos os procedimentos para a constituição da amostra e, em seguida, propomos uma tipificação das construções de tópico marcado na escrita do letrado brasileiro. Por fim, tecemos algumas reflexões acerca das semelhanças e diferenças entre as gramáticas da fala e da escrita culta brasileiras, no que tange ao fenômeno sintático aqui focalizado.

Mudanças sintáticas no Português Brasileiro

Kato e Duarte (2014) afirmam ser o PB uma língua de sujeito nulo parcial. Mais recentemente, porém, Duarte (2019) questiona esse estatuto, utilizando como argumento o fato de o sistema se comportar de forma bastante distinta de outros sistemas que pertenceriam, em tese, ao mesmo grupo proposto por Holmberg (2010), como o finlandês, que apresenta mais restrições quanto à opcionalidade ou a impossibilidade do sujeito nulo, se comparado ao PB. Segundo Duarte (2019), o PB ainda não revela um comportamento gramatical estável, encontrando-se em processo de mudança no que tange à marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo. Assim, o estágio atual seria intermediário, em direção às línguas de sujeito preenchido.

No que diz respeito ao comportamento do sujeito definido, Duarte (2019), ao revisitar seu estudo diacrônico de 1993, com dados coletados de peças teatrais, observa a tendência ao preenchimento de sujeitos de 1ª e 2ª pessoas a partir da década de 1930. Na 3ª pessoa, em decorrência da interação do feixe de traços semânticos [+/-animado] e [+/-específico], a mudança em direção ao sujeito preenchido é mais lenta, embora já avance quando o traço do referente é [+animado]. Em relação aos sujeitos de referência arbitrária, Duarte (2019, p. 115) afirma que “o PB prefere sujeitos de referência genérica expressos por pronomes nominativos”.

No que tange à escrita sincrônica de indivíduos letrados, Duarte (2007) compara as variedades brasileira e europeia. Os dados de sujeito de 3ª pessoa foram coletados de textos jornalísticos opinativos e de crônicas. Os resultados apontam que o PB totalizou 51% de sujeitos expressos, havendo preenchimento, inclusive, no interior de oração encaixada, controlada pela

oração matriz anteposta, contexto em que um sujeito nulo seria esperado em um sistema [+ Sujeito Nulo].

Os trabalhos sobre a representação do sujeito apontam para a compreensão de que o processo de mudança, em relação à marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo, ainda não está concluído, havendo uma tendência ao preenchimento do sujeito em diferentes contextos linguísticos. Parece-nos, portanto, que a escrita culta do brasileiro, normalmente mais conservadora, começa a absorver variantes expressas que não são avaliadas negativamente pelo escrevente e que passam a coexistir com a variante nula, tida como padrão. Esse comportamento, por sua vez, terá reflexos na proposta tipológica das construções de tópico marcado na escrita culta, diferenciando-se da descrita para a fala (cf. BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2009).

Outro ponto que deve ser mencionado diz respeito ao licenciamento do objeto nulo no PB. Segundo Cyrino (2019), nosso objeto nulo reúne propriedades peculiares, decorrentes de outros processos sofridos pela língua, como a perda do movimento longo do verbo e dos clíticos de terceira pessoa.

Acerca do comportamento dos clíticos acusativo e dativo de 3ª pessoa e de suas formas variantes na escrita culta do PB, Freire (2011) reúne *corpora* composto por textos do domínio jornalístico, além de histórias em quadrinhos e gibis, produzidos entres os anos de 1995 e 2004.

Os resultados da pesquisa apontam que, embora o clítico acusativo seja a opção mais utilizada para preencher objetos em função acusativa, a frequência de objeto nulo é elevada. Ao somar os percentuais das variantes ‘SN anafórico e objeto nulo’, o autor alcança o valor de 45% na escrita culta, o que é bem significativo. Por outro lado, o pronome lexical, bastante estigmatizado pelo letrado brasileiro, ocorre em apenas 3% dos dados. Assim, o trabalho de Freire (2011) permite-nos afirmar que, semelhante ao que ocorre com as formas expressas de representação do sujeito, as variantes não avaliadas negativamente pelo letrado brasileiro estão se inserindo na escrita culta, ainda que não sejam aquelas consideradas padrão.

Na função dativa, no PB, o clítico representa apenas um quarto do total de dados, diferente do resultado da variante na função acusativa. As demais variantes somadas representam 72% dos dados, tendo destaque o ‘SP anafórico’. O resultado obtido por Freire (2011) reflete a incidência das estratégias não padrão na escrita culta do PB.

Ao confrontarmos dados de fala e escrita cultas, constatamos nesta que, se por um lado, há a recuperação do clítico acusativo; por outro, há a preferência pelo ‘SP anafórico’, em substituição ao pronome em função dativa. Tal comportamento reforça a tese de que a escola

recupera apenas parcialmente formas linguísticas de sincronias passadas e que a gramática do letrado não corresponde à norma padrão. (cf. DUARTE; FREIRE, 2014)

A identificação de que, na escrita culta brasileira, existem variantes não padrão em alternância com formas prescritas pela tradição normativa sugere a necessidade de investigarmos as construções de tópico marcado, já que as preferências por sujeito preenchido e objeto nulo podem favorecer tais construções.

Norma padrão e a gramática do letrado brasileiro

Segundo Faraco (2008), o termo norma denomina o conjunto de regras linguísticas habituais dentro de uma determinada comunidade de fala. Não há, portanto, uma única norma, mas uma gama de variedades linguísticas. Em se tratando de PB e da constituição da norma de prestígio social, denominada norma padrão, é preciso, porém, tecer algumas reflexões.

O conceito de norma padrão, segundo Faraco (2008), vincula-se exclusivamente a valores sociais e, principalmente, políticos. Ela se define como uma construção sociohistórica, que tem como objetivo uniformizar e padronizar o uso de uma língua. Constitui-se em um modelo linguístico ideal – e, em sua maioria, não real - que serve a projetos políticos de uniformização.

Desta forma, a norma padrão brasileira, ou seja, aquela que está presente nos compêndios gramaticais e nos livros didáticos, não foi estabelecida a partir do uso corrente de brasileiros cultos. Na prática, a norma eleita como padrão corresponde à escrita culta lusitana do final do século XIX, reflexo do anseio por tornar o Brasil um país mais branco e europeu, que condena as variedades populares marcadas pela multirracialidade e a diversidade.

Em decorrência dos fatos históricos que orientaram a constituição da norma padrão, a norma efetivamente empregada pelo letrado brasileiro não corresponde à padrão, mas sim a outra, denominada norma culta. Esta refere-se às regras utilizadas por falantes letrados, em situações monitoradas de fala e de escrita. Os sociolinguistas denominam esse conjunto de regras variáveis como variedades cultas do PB, isto é, usos linguísticos de indivíduos com acesso à cultura letrada. (cf. LIMA; VIEIRA, 2019)

No âmbito das descrições linguísticas à luz da abordagem formalista, a *norma culta* escrita corresponde ao que Kato (2005) denomina gramática do letrado brasileiro. Duarte (2013) define gramática do letrado da seguinte forma:

É uma mistura de traços da gramática lusitana de fins do século XIX, que serviu à codificação da norma escrita no Brasil, somada a

traços do Português Brasileiro que se implementam aos poucos na escrita, substituindo ou competindo com formas conservadoras, e, finalmente, algumas estruturas estranhas a ambas, certamente um subproduto da contradição entre a gramática da fala e um modelo anacrônico de escrita. (DUARTE, 2013, p. 15)

Com base nos dados encontrados em textos do domínio jornalístico, que contempla gêneros textuais com diferentes graus de formalidade, propomos, neste artigo, uma tipologia das construções de tópico marcado concernente à escrita do letrado brasileiro, nos termos de Kato (2005) e Duarte (2013).

O contínuo dos gêneros textuais no discurso midiático

Para que pudéssemos investigar a escrita culta contemporânea do letrado brasileiro, no que tange às construções de tópico marcado, adotamos, de um lado, a perspectiva de Bortoni-Ricardo (2005), segundo a qual as diferentes manifestações linguísticas se distribuem em um contínuo de monitoração estilística, e, de outro, a de Marcuschi (2008), que propõe que os gêneros textuais se distribuem em um contínuo de oralidade – escrita, determinado pelos meios de produção (sonoro ou gráfico) e de concepção (oral ou escrito).

Selecionamos cinco gêneros textuais do domínio midiático. Dos cinco, quatro deles (crônica, reportagem, artigo de opinião, editorial) foram dispostos em um contínuo, que tem em uma das extremidades o gênero que reflete menor preocupação com as questões formais da língua, sendo descrito como [- monitorado]. Na extremidade oposta, está a interação escrita altamente planejada, que exige uma atenção maior quanto às escolhas linguísticas, sendo, portanto, [+ monitorado].

O gênero carta de leitor não foi incluído no contínuo por constituir uma interação comunicativa com características distintas das anteriores. Em primeiro lugar, a carta de leitor é um gênero em que seu autor (um leitor do jornal) não é conhecido publicamente e, na maior parte das vezes, ocupa o anonimato, fato que nos impediu de delinear, como traçado para os outros gêneros desse estudo, o nível de escolaridade do autor. Em segundo lugar, o editor do jornal, caso julgue necessário, pode propor reformulações no texto original durante a sua edição, tornando-se um coautor do texto. Tais características justificam nossa opção em não incluir a carta no contínuo de monitoração estilística, tratando-a separadamente.

O leitor desse artigo pode se perguntar por que, então, a escolha desse gênero. Incluímos porque entendemos que é uma seção consagrada nos jornais escolhidos, um espaço de debate público, em que os leitores têm suas opiniões divulgadas. Portanto, é fonte valiosa de

manifestação da gramática da escrita do brasileiro, ainda que possa sofrer a interferência do editor do jornal.

Na figura 1, apresentamos os quatro gêneros no contínuo por nós elaborado, com base na nossa percepção de grau de formalidade. Em outras palavras, nossa experiência como leitor, nosso conhecimento de mundo e nossas leituras teóricas sobre o estilo de cada um dos gêneros determinaram o posicionamento dos mesmos no contínuo.

Figura 1 - Distribuição dos gêneros textuais no contínuo, segundo o grau de monitoração estilística.



Fonte: elaborada pela autora.

A amostra reúne 1.456 textos, publicados nos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, no interstício 2009-2015, sendo 280 editoriais, 280 artigos de opinião, 280 reportagens, 280 crônicas e 336 cartas de leitor.

Optamos por trabalhar com jornais cujo público alvo pertence às classes socioeconômicas mais elevadas, já que nosso foco é a gramática do letrado brasileiro. A grande quantidade de textos e os gêneros escolhidos se justificam (i) pelo fato de a gramática da escrita parecer se mostrar mais resistente às estruturas de tópico marcado, particularmente as estratégias que são marginalizadas pela escola e (ii) por desejarmos testar a hipótese de que a diversidade de estratégias e a frequência das construções de tópico marcado diminui à medida que o gênero textual pressupõe maior monitoração estilística.

Ressaltamos, porém, que este artigo não visa a investigar a relação entre o gênero textual e as estratégias de tópico marcado. Objetivamos dar conta de uma diversidade de textos que diferem quanto ao grau de formalidade por apresentarem maior ou menor interferência da gramática da fala, a fim de contemplar as estratégias presentes na escrita culta brasileira. Estudos em andamento focalizam a relação que se estabelece entre o tipo de estratégia e o gênero textual, no âmbito das variedades cultas do português.

Tipologia das construções de tópico marcado na escrita culta brasileira

Foram coletadas 260 ocorrências de construções de tópico marcado. O número pequeno de sentenças do tipo tópico – comentário em relação ao número de textos (1456 textos) já era

esperado, pois sabemos que estamos diante de uma estrutura sentencial própria da gramática da fala que se insere paulatinamente na escrita culta do letrado brasileiro, em decorrência da inserção de outras formas linguísticas inovadoras, como já descrito anteriormente.

Nesta seção, propomos uma tipologia das estratégias de construção de tópico marcado presentes na escrita culta brasileira, semelhante ao que fizeram Berlinck, Duarte e Oliveira (2009) para a gramática do português culto falado.

Foram detectadas quatro distintas estratégias de tópico marcado: tópico pendente; topicalização; deslocamento à esquerda e tópico pendente com retomada, que passamos a descrever.

(A) Tópico pendente: Neste tipo, o tópico não é projetado pelo predicador, havendo somente conectividade semântica entre ele e o comentário. Dados de tópico pendente materializam a relação de *aboutness*, inerente à estrutura sentencial tópico – comentário.

Na escrita culta, o tópico pendente ocorre por meio de duas construções:

- O tópico é introduzido pela locução prepositiva quanto a ou afins, como verificamos no exemplo (2). Neste dado, a relação entre os referentes ‘código canônico’ e ‘regra’ é puramente semântica, sendo interpretada em função de nosso conhecimento extralinguístico, ou seja, o de que o código canônico é um documento que reúne regras.

(2) [Quanto ao Código Canônico], lembro que toda regra tem exceção ou mitigação.
(Carta de leitor, jornal *Folha de São Paulo*)

- O tópico é introduzido por SN, como em (3), sentença que, a partir do contexto, pode ser interpretada da seguinte forma: Quanto ao tema drogas, eu posso declarar que o problema se relaciona com fracassos na vida em família.

(3) [Droga] tem muito a ver com fracassos na vida em família. (Carta de leitor, jornal *O Globo*)

(B) Topicalização: Neste tipo de construção de tópico marcado, o tópico está sintaticamente vinculado a uma categoria vazia no interior do comentário. No exemplo (4), o SP ‘À constatação, feita em entrevista nesta quarta-feira’ foi movido para a posição de tópico, estabelecendo correferência com a categoria vazia que ocupa, no comentário, a posição de objeto indireto.

(4) [À constatação, feita em entrevista nesta quarta-feira]_i, Lula acrescentou um vaticínio _____i: “ E depois nada aconteceria”. (Editorial, jornal *Folha de São Paulo*)

(C) Deslocamento à esquerda: Neste tipo, o tópico está vinculado a um correferente lexicalmente expresso no comentário. Conforme as características morfossintáticas das sentenças encontradas, pudemos detectar dois subtipos, em que há a expressão fonológica do correferente, idêntico ao referente que ocupa a posição de tópico.

- Deslocamento à esquerda clítico: corresponde às construções de deslocamento à esquerda em que há uma forte conectividade sintática entre o tópico e o correferente, já que aquele “exibe propriedades de conformidade referencial, categorial, casual e temática com um constituinte interno ao comentário” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 495), como mostra o exemplo (5), em que o tópico frásico ‘motor traseiro e transmissão automática’ é retomado pelo clítico ‘os’, que desempenha a função de objeto direto.

(5) Aliás, [motor traseiro e transmissão automática]_i; os saudosos "Gostosões", fabricados pela General Motors na década de 50, já [os]_i possuíam. (Carta de leitor, jornal *O Globo*)

- Deslocamento à esquerda não clítico: nomeia as construções de deslocamento à esquerda em que o correferente mantém com o tópico uma conectividade sintática fraca, havendo apenas identidade dos traços de número, pessoa e gênero, como verificamos nos exemplos (6) e (7).

(6) [O verdadeiro custo]_i, [este]_i não pode ser colocado em números porque é pessoal. (Artigo de opinião, jornal *Folha de São Paulo*)

(7) Já [os colegas com quem convive]_i... [Eles]_i são o seu pesadelo. (Crônica, jornal *Folha de São Paulo*)

No exemplo (6), o sintagma ‘O verdadeiro custo’ e o pronome demonstrativo ‘este’ remetem ao mesmo referente, constituindo uma estrutura também denominada pela literatura linguística de duplo sujeito (cf. DUARTE, 1995). O mesmo ocorre em (7), mas, neste caso, a retomada se faz por um pronome nominativo.

(D) Tópico pendente com retomada: Nesse tipo de construção de tópico marcado, o referente que ocupa a posição de tópico é introduzido pela locução prepositiva ‘quanto a’ ou por termos equivalentes, estabelecendo conectividade sintática com um constituinte no comentário, que

desempenha os papéis de sujeito (exemplo 8), complemento verbal (exemplo 9) ou complemento nominal (exemplo 10).

(8) [Quanto aos parafusos para o emplacamento de carro zero]_i, [eles]_i vêm de fábrica, junto com o manual do veículo, pois cada modelo exige um tipo específico. (Carta de leitor, jornal *O Globo*)

(9) [Quanto aos partidos políticos corruptos das últimas décadas]_i, quem se lembrará [deles]_i daqui a cem anos? (Carta de leitor, jornal *Folha de São Paulo*)

(10) [E quanto ao famoso ouro de Moscou, no qual se cevavam os comunistas]_i, não só nunca vi sinal [dele]_i, como acredito que os comunistas meus amigos tampouco - foram eles os que roubaram e beberam os dois litros de King's Archer. (Crônica, jornal *O Globo*)

Esse tipo de construção parece reunir as propriedades encontradas nas estratégias anteriores, já que, do ponto de vista semântico-discursivo, o tópico exprime, de forma explícita, a relação semântica de *aboutness*, em virtude da presença de uma locução prepositiva, e, do ponto de vista sintático, estabelece conectividade com um constituinte no interior do comentário.

No âmbito das construções em que o correferente ao tópico ocupa a posição sintática de sujeito, verificamos que o constituinte no interior do comentário pode estar preenchido ou nulo, um efeito colateral das mudanças em curso no PB, particularmente a preferência de o sistema preencher sujeitos referenciais (cf. DUARTE, 2018, 2019).

Em (8), por exemplo, o tópico é introduzido pela locução prepositiva ‘quanto a’, sendo retomado no interior do comentário pelo pronome nominativo ‘eles’, que se encontra no interior do comentário, na posição de sujeito da oração, predicado pelo verbo ‘vir’. Já em (11), o tópico também é introduzido pela locução prepositiva ‘quanto a’; no entanto, a retomada é feita por meio de sujeito nulo³.

(11) [Quanto aos escândalos de pedofilia nas igrejas irlandesa e americana]_i, _____i vinham de décadas. (Carta de leitor, jornal *O Globo*)

Nos dados em que o tópico se encontra vinculado ao objeto direto, no comentário, não houve variação entre as formas plena e nula, ocorrendo sempre a variante padrão, como se verifica (12), em que o clítico acusativo de terceira pessoa é o correferente de ‘religiosos’.

³ Essa alternância entre sujeito preenchido e sujeito nulo nas construções denominadas tópico pendente com retomada foi discutida em Autor (2018).

(12) “[Quanto aos religiosos]_i, não [os]_i considero iluminados nem crédulos...” (Artigo de opinião, jornal *Folha de São Paulo*)

Por fim, é pertinente destacar que, dentre as construções denominadas por nós de tópico pendente com retomada, a semelhança de Araújo (2006), encontramos dados em que o referente que ocupa a posição de tópico estabelece com seu correferente uma relação semântica de hiperônimo – hipônimo. Assim, o tópico tem caráter [+ genérico], tendo o correferente um caráter [- genérico], como vemos em (13). Em alguns poucos casos, o referente que ocupa a posição de tópico estabelece com o correferente uma relação de posse, como em (14). O referente tópico é o possuidor; o referente do comentário, o possuído.

(13) [Por falar em mitos]_i, tem [um]_i que está se criando sem justificativa. (Crônica, jornal *O Globo*)

(14) [Quanto a Machado de Assis]_i, não se pode fazer mais nada, além de reescrever [seus textos]_i. (Crônica, jornal *O Globo*)

Da fala para a escrita: o que dizem os dados

Embora os dados careçam de uma análise morfossintática e semântico-discursiva de caráter sistemático, a presença dessas construções na amostra permite-nos fazer considerações importantes.

A hipótese, testada neste trabalho, de que a gramática do letrado brasileiro, isto é, a norma efetivamente praticada pelos indivíduos cultos, não corresponde à norma descrita pela tradição gramatical (a chamada norma padrão) se confirma, pois os dados mostram que as construções de tópico marcado, tratadas pela gramática normativa como um desvio ou uma figura de linguagem, estão presentes na escrita de textos referenciais [+ monitorados].

Outra questão relevante é que a escrita culta apresenta estruturas que acreditávamos ser exclusivas da fala. É o que se verifica com a presença de construções de tópico pendente introduzidas por SN (exemplo 3) e de deslocamento à esquerda não clítico (exemplos 6 e 7).

Por outro lado, encontramos na escrita construções de deslocamento à esquerda clítico, o que não ocorre na modalidade oral, como atesta o trabalho de Orsini e Vasco (2007). Ao contrário do que ocorre na gramática da fala, que perdeu os pronomes de terceira pessoa, a escrita culta, por interferência do processo de letramento, recupera estes clíticos. Isso revela que, no que tange à representação do objeto anafórico, a gramática do letrado brasileiro ainda apresenta viva a variante padrão, comportamento que vai ao encontro da descrição de Freire (2011).

A gramática do letrado brasileiro, no que se refere à representação do sujeito em construções de tópico marcado, manifesta um comportamento variável, apresentando sujeitos preenchidos e nulos. É possível verificar a variação entre sujeitos nulos e preenchidos em construções de tópico pendente com retomada, como discute Orsini (2018).

As construções de topicalização, por sua vez, estão presentes na modalidade escrita da língua. Acerca delas, detectamos (i) ausência de dados de em que haja supressão de preposição e (ii) recuperação da preposição *a* para indicar o beneficiário da ação verbal, em sintagmas que funcionam sintaticamente como objeto indireto, resultado que dialoga com a análise de Gomes (2014).

Segundo a proposta tipológica aqui apresentada, acreditamos ser possível afirmar que o comportamento do PB, em relação às construções de tópico marcado, não é o mesmo se compararmos a fala à escrita do letrado brasileiro. Pudemos constatar que, se por um lado, as construções de tópico marcado não estão restritas à gramática da fala, como as estratégias de tópico pendente introduzido por SN, deslocamento à esquerda não clítico e topicalização, por outro, há aquelas que ocorrem apenas no âmbito da escrita culta, como o deslocamento à esquerda clítico e o tópico pendente com retomada.

Considerações finais

Este trabalho procurou descrever a tipologia das construções de tópico marcado na escrita do letrado brasileiro a fim de definir se esta é igual à apresentada para a fala culta. Os dados apontam para tipologias distintas, apesar de haver estratégias comuns a ambas as modalidades.

Tendo cumprido o objetivo de apresentar uma tipologia das estratégias de construção de tópico marcado na escrita culta brasileira, pretendemos analisar, de forma sistemática, o seu comportamento morfossintático e semântico-discursivo, já que a extensão de restrições estruturais é um indicador da existência de gramáticas distintas, conforme afirma Galves (1998).

Referências

ARAÚJO, E. A. **As construções de tópico do português nos séculos XVIII e XIX: uma abordagem sintático-discursiva**. 2006. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

BERLINCK, R. de A.; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. de. Predicação. *In*: KATO, M; NASCIMENTO, M. do (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença**. Vol. III. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Estrutura da frase simples e tipos de frases. *In: MATEUS et al. (Orgs.). Gramática da Língua Portuguesa*. 5 ed. Caminho: Lisboa, 2003. p. 490-502.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. MIT, 1995.

CUNHA, C.; C., L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 1985.

CYRINO, S. O objeto nulo no português brasileiro: sincronia e diacronia. *In: GALVES, C.; KATO, M.; ROBERTS, I. (Orgs.). Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. São Paulo: Editora Contexto, 2019. p. 173-199.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. 1995. Tese. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

DUARTE, M. E. L. Sujeito de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita culta. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 89-115, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4396>. Acesso em: 28 dez. 2020.

DUARTE, M. E. L. O papel da Sociolinguística no (re)conhecimento do Português Brasileiro e suas implicações para o ensino. *In: BARBOSA, P.; RODRIGUES, V. V. (Orgs.). Revista Letra: revista da Faculdade de Letras da UFRJ*, Rio de Janeiro, ano VIII, v. 1 e 2. p. 15-30, 2013.

DUARTE, M. E. L.; FREIRE, G. Como a escrita padrão recupera formas em extinção e implementa formas inovadoras. *In: PAIVA, M. C.; GOMES, C. A. (Orgs.). Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014. p. 115-135.

DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu. *In: GALVES, C.; KATO, M.; ROBERTS, I. (Orgs.). Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. São Paulo: Editora Contexto, 2019. p. 93-126.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREIRE, G. C. Acusativo e dativo anafórico de 3ª pessoa na escrita brasileira e lusitana. **Revista da Abralin**, v. 10, n.1, p. 11-32, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1061>. Acesso em: 28 dez. 2020.

GALVES, C. A gramática do português Brasileiro. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Campinas: Pontes, 1998. p. 79-96.

GOMES, C. A. Uso variável do dativo na escrita jornalística: resistência e inovação na escrita formal contemporânea. *In: PAIVA, M. C.; GOMES, C. A. Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014. p. 103-114.

HOLMBERG, A. Null subject parameters. *In: BIBERAUER, T.; HOLMBERG, A.; ROBERTS, I.; SHEEHAN, M. (Ed.). Parametric variation: null subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 88-124.

KATO, M. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. *In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, S. A. (Orgs.). Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (Universidade do Minho), 2005.

KATO, M.; DUARTE, M. E. L. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no português brasileiro. *Veredas*, v. 18, p. 1-22, 2014.

LI, C.; THOMPSON, S. Subject and topic: a new typology of language. *In: LI, C. (Ed). Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976, p. 457-489.

MARCUSCHI, L. A. **Oralidade e letramento**: Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 15-43.

ORSINI, M. T.; VASCO, S. L. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. **Diadorim - Revista de Estudos Linguísticos e Literários da Pós Graduação da UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 83-98, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3852>. Acesso em: 28 dez. 2020.

ORSINI, M. T. Construções de tópico pendente com retomada na escrita culta brasileira: sujeito preenchido x sujeito nulo. **Diadorim - Revista de Estudos Linguísticos e Literários da Pós Graduação da UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 592-609, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/23292>. Acesso em: 28 dez. 2020.

PAULA, M. N. de. **As construções de deslocamento à esquerda de sujeito no PB**: um estudo em tempo real de curta duração. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

VIEIRA, S. R.; LIMA, M. D. A. de O. (Orgs.). **Variação, gêneros textuais e ensino de português**: da norma culta à norma-padrão. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2019. Disponível em: <http://www.posvernaculas.lettras.ufrj.br/pt/publica%C3%A7%C3%B5es/livros.html>. Acesso em: 28 dez. 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Sobre a autora

Mônica Tavares Orsini (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1060-9082>)

Doutora e mestra em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); graduada em Letras pela mesma instituição. É professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ.

Recebido em agosto de 2020.

Aceito em novembro de 2020.